

Libras x Implante coclear na educação de surdos: Discussão e Resultados

Eva Vilma Navegantes da Silva¹

Celeste Azulay Kelman²

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/FE

Eixo Temático: Práticas de inclusão escolar na educação básica

Categoria: Comunicação oral

Resumo

Os adventos tecnológicos na modernidade têm propiciado significativas mudanças no modo de vivenciar a surdez. Um exemplo disso é o implante coclear, tecnologia assistiva eventualmente adotada para pessoas com surdez severa ou profunda, que não conseguem resultados eficazes através do aparelho de amplificação sonora individual (AASI). Com a possibilidade de ter acesso às sensações auditivas e poder oralizar, expandiram-se as formas de se comunicar dos surdos, gerando boas expectativas, mas também conflitos dentro das comunidades surdas. No entanto, a perspectiva de incompatibilidade entre o implante coclear e a língua de sinais vem perdendo força. A pesquisa aqui apresentada teve como objetivo discutir a relação entre o implante coclear e a língua de sinais e suas implicações na educação de surdos. Traz em suas referências autores como Brazorotto, Dorziat, Kelman, Lacerda, Queiroz, dentre outros. A metodologia adotada foi a pesquisa-ação, sendo realizada em um instituto especializado em surdez, na cidade de Belém-PA. Resultados apontaram para o fato de que decidir pelo implante coclear não significa ter que neutralizar o uso da língua de sinais e que, ao contrário do que se pensava, traz vantagens para esses sujeitos porque têm a possibilidade de serem bilíngues e biculturais, aperfeiçoando seus instrumentos para a aprendizagem escolar. A relevância dessa pesquisa para a educação escolar está no fato de ajudar pais e professores na compreensão do aprendizado em médio prazo, mas progressivo da oralidade das crianças surdas que se submetem ao implante coclear, trazendo à tona discursos muitas vezes, ocultos, mas também estratégias educacionais multimodais, para serem utilizadas nas salas de recursos, e também na vida cotidiana.

Palavras-chave: Implante coclear; Libras; Educação de surdos.

¹ Mestre em Educação pelo PPGE/FE da UFRJ. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez – GEPeSS. Professora especializada em surdez do Instituto Felipe Smaldone, Belém-Pará.

² É Professora Associada da UFRJ. Integrante da Linha de Pesquisa Inclusão, Ética e Interculturalidade e Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Surdez – GEPeSS.

Introdução:

O implante coclear e suas implicações

Com o advento tecnológico na área da otorrinolaringologia, o implante coclear (IC), atualmente, uma das grandes invenções desta área, tornou possível aos surdos, captar os sons da voz, além de outros sons, e também, possibilitar o desenvolvimento da oralidade.

O Implante coclear é um dispositivo eletrônico que tem por objetivo substituir as funções das células ciliadas da orelha interna nos indivíduos com perda auditiva neurossensorial severa e profunda e através dele, o indivíduo passa a ter acesso à sensação auditiva. O uso desse dispositivo não significa a cura da surdez, mas promove a sensação da audição ao indivíduo, com a qualidade necessária para a percepção dos sons da voz, desde que preservadas algumas condições fundamentais. Assim, o implante coclear disponibiliza ao seu usuário, informações acústicas suficientes para o reconhecimento dos padrões acústicos da fala.

No entanto, as pessoas surdas que fazem a cirurgia de IC levam um tempo para aprimorar as habilidades auditivas (HA), que segundo Erber (1982) são quatro habilidades essenciais: Detecção, discriminação, compreensão e interpretação dos sons. A partir da aquisição dessas habilidades auditivas é que a pessoa surda usuária de IC vai começar a perceber, compreender e falar o mundo ouvinte.

O fato é que tem havido uma grande variedade em relação à idade com que tem sido realizada a cirurgia de IC e isso, certamente, tem trazido respostas diferenciadas devido à plasticidade neural que muda com o tempo, dificultando ou desenvolvendo de forma mais lenta o aprendizado de línguas, por exemplo (Sharma, Nash e Dorman (2009).

Mas o que mudou na vida dos surdos com IC nas várias áreas da vida? Como tem sido a relação entre as línguas de sinais com o IC, já que assim, os surdos implantados terão a oportunidade de se comunicar oralmente? Como tem se dado a inserção da oralidade na comunicação desses surdos? Será possível tornar o surdo implantado, um cidadão bicultural e bilíngue?

Objetivos

Geral: Descrever e analisar a relação entre a Língua de sinais, no caso, a Libras e o Implante coclear na educação de estudantes surdos.

Específicos:

1. Descrever e analisar a inserção da oralidade na vida dos surdos usuários de IC.
2. Analisar de que forma a Libras pode ajudar os usuários de IC no processo de oralização e aprendizagem escolar na realidade ouvinte.
3. Descrever as experiências de técnicas educacionais que melhor atenderam os surdos em observação.

Justificativa:

A pesquisa foi realizada no Instituto Felipe Smaldone (IFS), em Belém-Pará, pelo fato da primeira autora desenvolver atendimento no mesmo, como professora e também, devido à influência do trabalho que o IFS desenvolve na capital paraense e adjacências, tornando-se uma referência na educação de surdos e também, no atendimento aos surdos usuários de IC. Outro fato importante é a escassez de estudos realizados na área do IC com relação ao processo de ensino-aprendizagem desses alunos, em todo o âmbito nacional, por pesquisadores da área da educação (KELMAN, 2010; BARBOSA, MUNSTER & COSTA, 2013).

Metodologia:

A pesquisa foi de cunho qualitativo e essa escolha se mostrou mais adequada para esse caso, pois “trabalha com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões...” (MINAYO & SANCHES, 1993, p. 247), mas que, no entanto, envolve um número restrito de participantes. O desenho metodológico adotado foi o da pesquisa-ação, por ser uma pesquisa empírica que se desenvolve a partir da intenção de uma ação voltada para a resolução de um problema coletivo em que o pesquisador está envolvido (THIOLLENT, 2007).

Foi realizada no Instituto Felipe Smaldone, em Belém-Pará. Teve como participantes alunos surdos usuários de IC com idades entre quatro e sete anos, de ambos os sexos, em níveis escolares iniciais (Jardim I ao 1º ano). Com tempo de IC, tipo de surdez e modo de se comunicar variados. Vejamos a tabela abaixo:

Alunos	Idade	Tempo IC	Tipo de surdez	Escolaridade	Causa surdez	Responsável
Ana*	4 a	3a 4m	Bilateral profunda	Jardim I	Hereditária (pais surdos)	avó
Ariel	4 a	1a 7m	Bilateral profunda	Jardim I	Desconhecida	mãe
Bela	5 a	8 m	Bilateral severa	Jardim II	Desconhecida	pai/mãe
Mathias	6 a	2a 6m	Bilateral Severa/profunda	Jardim II	Prematuridade	avós
Paula*	6 a	3a 6m	Bilateral profunda	1º ano	Hereditária (pais surdos)	avó
Fernando	7 a	2 a	Bilateral profundo	1º ano	Anóxia ³	mãe
Paloma ⁴	9 a	6 m	Severa/profunda	5º ano	Otite aguda	mãe

As categorias de análises, de acordo com os objetivos desta pesquisa, ocorreram a partir de três eixos temáticos:

1. Desenvolvimento linguístico (ouvir-pensar-falar),
2. Desenvolvimento cognitivo (aprendizado mundo/escola via metodologias do IFS) e
3. A relação entre IC e a Libras

Os instrumentos utilizados foram:

1. Pesquisa documental
2. Observações: “Diário de bordo”
3. Entrevistas (pais, professores, equipe técnica e alunos).

A pesquisa foi realizada no IFS entre os meses de junho à dezembro de 2015. Atendeu às exigências do Conselho de Ética emitindo os documentos

³ É a falta de oxigênio no cérebro durante a gestação ou nascimento. Disponível em: <http://www.direitodeouvir.com.br/causas-da-surdez/> Acesso em 16/11/2015.

⁴ Entrou no segundo semestre no IFS.

necessários, como o Termo de assentimentos para menores de idade e o Termo de consentimento livre e esclarecido.

Referencial Teórico

Apesar dos poucos estudos realizados na área educacional, foram realizadas importantes pesquisas a respeito dos surdos usuários de IC, as quais nos servirão de referencial teórico. Porém, cabe ressaltar o importante trabalho realizado anteriormente, junto aos surdos, por profissionais da área da saúde, principalmente fonoaudiólogos, no intuito de possibilitar ao surdo a educação e inserção no mundo ouvinte.

Como exemplo, podemos citar Corrêa (1999), que durante os anos de atividades práticas, teve como base o “Método audiovisual da linguagem oral para surdos”. A partir desta metodologia, Corrêa criou várias atividades, nas quais desenvolveu em seu consultório e escreveu alguns livros sobre o assunto. Essa metodologia tem por objetivo desenvolver na pessoa surda (normalmente, criança) a linguagem oral a partir de exercícios vocais, respiratórios e auditivos, trabalhando sempre com sons onomatopéicos, vocalização de fonemas, exercícios de estruturas rítmicas entre outros.

Constatamos que esse método é muito importante para os alunos surdos que usam o IC, por trabalhar os fonemas, os sons onomatopéicos, os ritmos etc. A autora diz que independente do grau de surdez, esse método pode ser aplicado com eficácia. Cita ainda, a importância do acompanhamento psicológico no trabalho junto à criança e à família, como primordial; no entanto, cita o trabalho docente como coadjuvante nesse processo. A autora deixa claro seu posicionamento a respeito das línguas de sinais:

Vejo a decadência do ensino da Linguagem oralizada em favor da Linguagem de Sinais como forma de comunicação da criança com perda auditiva. Credito essa decadência à falta de formação e informação específica dos profissionais da área... (p. 3).

Nesse sentido, é natural que haja um estranhamento da autora em relação às línguas de sinais, posto que nossa legislação não reconhecia a Libras como língua oficial dos surdos nessa época (em meados de 1999).

Assim como Corrêa (1999), Moret, Bevilacqua & Costa (2007), Fornazari (2008), Scaranello (2005), entre outros autores, todos da área da Saúde (como médicos, terapeutas e fonoaudiólogos), foram os precursores das pesquisas sobre o surdo com implante coclear, mas a preocupação maior era com o funcionamento correto do IC em si, ou seja, com a garantia da função do IC: promover as sensações auditivas às pessoas surdas, ou como a comunidade médica se refere, aos deficientes auditivos (DA).

Sharma, Nash e Dorman (2009), ao afirmarem que existe um período crítico para a maturação neurológica, assim como para a construção da linguagem e de conceitos, reforçam o que diz a área médica, ao considerar que a criança surda é deficiente e precisa ser “curada” para que seja garantido seu desenvolvimento natural em sociedade (ANTONIO, DELGADO-PINHEIRO & BERTI, 2013). Em nossas observações, pudemos constatar que quanto mais tarde é realizado o IC, e, dependendo da situação social em que está inserido, e também da surdez de cada indivíduo, o desempenho do implantado em relação às habilidades auditivas se dará em curto ou em longo prazo.

Nesse sentido, muitas pesquisas a respeito do desenvolvimento intelectual, linguístico e cognitivo de crianças surdas (KELMAN, 2011; ALBRES & NEVES, 2013, entre outros) vem nos dizer que a pessoa surda é capaz de construir conceitos e pensar o mundo que o cerca de forma inteligível, ao contrário do que se afirmava antigamente (ALBRES & NEVES, 2013). Porém, que são necessárias técnicas de ensino-aprendizagem que possam estimular corretamente as crianças implantadas, observando a maturação das habilidades auditivas de cada uma, assim como o seu momento cognitivo atual.

Outros autores como Dorziat (2004), Lacerda e Lodi (2006), Kelman e outros autores (2009, 2011, 2013, 2014), Quadros (2007), Queiroz e Kelman (2007), Rezende (2010), Skliar (1999), Albres & Neves (2013), também estão preocupados com a inserção social das pessoas surdas, mas desenvolvem pesquisas dentro de uma linha de pensamento, na qual levam em

consideração a educação, o direito e o desejo do surdo, em relação à forma de comunicar-se, além da instrução. Entra na discussão a questão cultural e social do surdo, não somente na escola, mas em todos os contextos socioculturais dos quais participa, configurando sua participação ativa no processo de escolarização e socialização.

Dorziat (2007), fala da importância de olhar a surdez por outro prisma, que não seja o da deficiência ou da reabilitação, ou seja, que não seja de um ponto de vista médico. A autora visa a pessoa surda como um ser de direito como qualquer outro, que precisa ser visto, respeitado, notado. Cita a escola como uma instituição social que cumpre seu papel de padronizadora de determinada sociedade.

A autora diz que a escola vê o aluno como um aluno *hipotético*, ou seja, tem uma visão generalizadora, onde não considera as especificidades de cada aluno, o que pode ocasionar a ideia de um *currículo único*, homogêneo. E, nesse sentido, a educação dos surdos fica comprometida por não se conseguir enxergar outras possibilidades. Lacerda e Lodi (2006) vem falar da importância da aquisição de uma língua para o conhecimento de mundo, para a inserção social e educacional, pois:

Em geral, as crianças surdas têm pouca oportunidade para que este desenvolvimento ocorra da mesma forma como para crianças ouvintes (exceto aqueles filhos de pais surdos e que sejam usuários da língua de sinais), já que, na maioria das vezes, eles não têm acesso à língua utilizada por seus familiares (ouvintes), apresentando, frequentemente, atraso no processo de desenvolvimento de linguagem (p. 48)

As autoras afirmam o papel fundamental do adulto como interlocutor que diante das interações que faz com a criança, seja ela ouvinte ou surda, possibilita o aprendizado e a apropriação de determinada língua. Nesse sentido, uma criança surda nascida numa família ouvinte possivelmente apresentará dificuldade de comunicação dentro de casa. Em uma família de surdos, onde exista a língua de sinais, a comunicação fluirá de forma mais

natural para a criança surda, possibilitando a interação e a troca de experiências mais eficazes. Essa dificuldade certamente se estende à escola e a outros setores da sociedade na qual esta criança pode estar inserida.

Resultados

A pesquisa mostrou que existem diversas formas de lidar com a surdez, onde a família assume o papel central na vida da pessoa surda em relação às suas escolhas culturais e linguísticas. Assim como existem famílias que negam a surdez de seu filho ou a veem como uma deficiência, há casos em que a família é ouvinte, mas tem procurado aprender as línguas de sinais para se comunicar com o filho, assim como acreditam que ser surdo é uma especificidade que deve ser respeitada e garantida com todos os direitos que lhe convém.

Pais surdos com filhos surdos têm compreendido que seus filhos podem viver harmonicamente com a questão da surdez, se preocupando em dar a estes, a Libras de forma correta através da escola especializada e das comunidades surdas às quais se sentem parte. E além da própria linguagem, dar condições sociais e políticas para sua formação.

Nossa pesquisa mostrou muitas vezes que a relação entre as línguas de sinais e o IC podem e devem ser harmônicas, sempre que necessário. Ou seja, existem situações na qual o indivíduo implantado não tem necessidade da língua de sinais, seja porque foi implantado na fase pré-lingual (antes de adquirir a fala), seja porque sua família não o colocou em contato com as línguas de sinais.

As relações entre ouvir, pensar e falar, estão intimamente relacionadas. Considerando a situação do surdo que usa o IC, não se trata de ouvir, mas de ter a possibilidade das sensações auditivas. Os alunos do IFS, sujeitos centrais dessa pesquisa, representam um recorte da realidade das pessoas (principalmente crianças) que fazem a cirurgia de IC. Vimos várias realidades nesse recorte, o que proporcionou um cruzamento de informações com pesquisas anteriores.

Muitas pesquisas (KELMAN *et al* 2007; 2009; 2010; NAVEGANTES & SILVA, 2013 e NAVEGANTES & KELMAN, 2014; 2015, entre outros autores) demonstram que entre o ato de ouvir ou, no caso dos implantados, ter as sensações auditivas e o ato de falar (linguagem oralizada), existe um universo que engloba as experiências, as vivências, a compreensão de mundo, inclusive, o aprendizado escolar. Esse conjunto de ações vai embasar o desenvolvimento cognitivo, que não depende em sua totalidade da audição. Por isso, a diversidade de técnicas Multimodais no atendimento educacional em sala de recursos e em sala de aula são extremamente importantes nos anos iniciais de implante.

As técnicas multimodais, caminhando lado a lado às habilidades auditivas na educação de surdos com IC, vão englobar o uso de todos os sentidos, e é muito válido nesse caso, onde os surdos com IC têm acesso às sensações auditivas através do implante. Por exemplo, a exploração estratégica de determinados fonemas pela facilidade de entonação, junto à exploração visual, estimula o cérebro a fazer a conexão automática do som e da figura: *sons onomatopaicos + figura correspondente*. A partir daí, ir explorando pouco a pouco, o uso desses sons e dessas figuras em outros sentidos, juntando-se ao brincar, ao ato de ouvir histórias e recontar, ao ato de observar, entre outros.

Essa pesquisa mostrou que a relação entre a Libras e o IC pode se tornar um diferencial importante, onde o aluno que usa a Libras e está aprendendo a “ouvir” tem mais elementos para o aprendizado da língua portuguesa porque automaticamente faz a conexão entre os significados de determinada palavra numa língua e noutra, facilitando a memorização e também a conexão do “ouvir” e do falar.

Aprender a “ouvir” é uma constante construção para o implantado. Essa tarefa nos mostra que os professores ligados a esse trabalho precisam conhecer o processo de aprendizagem e as técnicas que melhor vão trazer resultados aos surdos com IC. E que, o trabalho desenvolvido pelo fonoaudiólogo pode estar intimamente ligado ao trabalho docente, mas cabe à cada profissional desenvolver sua função.

Conclusão

A criança surda tem ou está adquirindo a Libras como língua e a criança recém-implantada, muitas vezes, não tem uma língua estruturada, nem a Libras nem a fala na língua portuguesa. Podemos observar que o IFS apesar da iniciativa de trazer para si a responsabilidade de atender aos alunos com IC, utilizou num primeiro momento, metodologias voltadas para a oralização através do aprimoramento das habilidades auditivas. Enquanto o instituto recebia apenas crianças em fase pré-escolar (Jardim), podemos dizer que foi de muita utilidade para ajudá-las não somente no desenvolvimento da fala, mas inclusive na escola regular.

Porém, com a entrada de alunos em fase escolar (1º ano em diante), houve a necessidade de repensar as metodologias utilizadas. Por si só, o ato de ter as sensações auditivas e falar, não são garantia de sucesso escolar. Vimos que são necessárias estratégias de ensino específicas para as crianças com IC, não a reprodução de atividades e metodologias utilizadas por fonoaudiólogos, essas tem sua importância no seu devido espaço.

Quanto maior o tempo de privação sonora e, dependendo do grau de surdez, maior o tempo para a aquisição da fala. Porém, isso é muito relativo se considerarmos os estímulos auditivos, visuais e cognitivos que o indivíduo recebe, principalmente na infância. Caso a criança não receba esses incentivos, a falta de alguma forma de comunicação pode prejudicar muito, como exemplo, vimos crianças que até os quatro anos não sabiam pedir para ir ao banheiro. Ou não sabiam 'dizer' o que queriam, tornando-se crianças inseguras e introspectivas.

Em relação à Libras, vimos que as crianças surdas, inclusive as que usam IC, e que portanto são bilíngues, tem melhor desempenho no quesito das habilidades de compreensão auditiva, conseguem apreender com mais facilidade e se comunicam com mais segurança, corroborando achados já relatados na literatura nacional e internacional (KELMAN, 2015; HYDE; PUNCH, 2011). Em nosso entendimento, a Libras deve ser entendida como a língua de instrução desses alunos e não deverá ser tratada apenas como uma

'ponte' para a língua portuguesa, apesar destes alunos com IC estarem se apropriando da linguagem oralizada. Isto vai depender de cada caso.

Guimarães, Kelman & Nascimento (2013) falam da possibilidade de sujeitos biculturais, além de bilíngues, ao considerar que o sujeito surdo que faz uso do IC, pode se beneficiar tanto da língua falada quanto da língua de sinais e das duas culturas. A respeito da educação bilíngue, a autora diz:

O mito difundido de que “se souber língua de sinais não vai querer falar” precisa ser reconsiderado”. É necessário buscar-se no Brasil evidências já descritas em outras partes do mundo onde o bilinguismo que passa pelo uso das duas línguas – a de sinais e a portuguesa – em momentos apropriados, permite melhor compreensão e, portanto, melhor resultado escolar (p. 7).

Dessa forma, apostar na diversidade de técnicas educacionais que proporcionem o maior alcance possível das habilidades auditivas, e principalmente, do alcance cognitivo, se faz necessário. As técnicas Multimodais podem ser uma solução segura para a educação dessas pessoas, onde todos os órgãos dos sentidos serão trabalhados, através dos estímulos oferecidos em sala de recurso. Pois, seguindo este caminho, o aluno com IC terá a possibilidade de acompanhar sua fase escolar, ao mesmo tempo em que aprende a ouvir e a falar, pois terá a chance de captar tudo ao seu redor, seja ouvindo, seja tendo contato visual, seja sentindo através do tato, nesse lento, mais intenso processo de aprendizado, que se constrói entre o perceber (ouvir) e o falar.

Referências

ALBRES, N. e NEVES, S. *Libras em estudo: política educacional* / Neiva de Aquino Albres e Sylvia Lia Grespan Neves (organizadoras). – São Paulo: FENEIS, 2013.

BRAZOROTTO, J.M. *Crianças usuárias de implante coclear: desempenho acadêmico, expectativas dos pais e dos professores*. (Tese de Doutorado). São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos; 2008.

CAMPBELL, J.; CARDON, G.; SHARMA, A. Clinical Application of the P1 Cortical Auditory Evoked Potential Biomarker in Children with Sensorineural

Hearing Loss and Auditory Neuropathy Spectrum Disorder. *Semin Hear*, New York, v. 32, n. 2, p. 147-155, May, 2011.

CORRÊA, J. M. *Surdez e os fatores que compõem o método áudio+visual de linguagem oral para crianças com perda auditiva*. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 1999.

COSTA, V. {et al} (Orgs.). *Políticas públicas e produção do conhecimento em educação inclusiva*. Niterói/RJ: Intertexto, 2011.

COSTA, J.; KELMAN, C. e GÓES, A. Inclusão de alunos com implante coclear: a visão dos professores. *Revista Educação Especial* | v. 28 | n. 52 | p. 325-338 | maio/ago. 2015, Santa Maria.

CUMMINS, J. *Bilingualism and special Education: issues in assessment and pedagogy*. Clevedon, Avon: England. Multilingual Matters, 1984.

DELGADO-PINHEIRO, E.; ANTONIO, F.; BERTI, L. Perfil audiológico e habilidades auditivas em crianças e adolescentes com perda auditiva (Audiology profile and speech perception in children and adolescent with hearing loss). (org.) GEL – Grupo de Estudos Linguísticos - São Paulo, 39 (1): p.1-432, mai.-ago. 2010.

DORZIAT, A.B.M.; LIMA, N.M.F.; ARAÚJO, J.R. *Inclusão de Surdos na Perspectiva dos Estudos Culturais*. *Revista de Educação Especial* / n. 15, 2004.

ERBER, N. P. *Auditory training*. Washington: Alexander Graham Bell, 1982. 27p.

FORNAZARI, B. *Habilidades auditivas e conteúdos curriculares- Processo simultâneo no indivíduo com implante coclear*. In: *O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense*. Secretaria do Estado de Educação do Paraná. Pr/2008. V. On-line ISBN 978-85-8015-039-1 Cadernos PDE. Vol. I.

FREITAS, G. *A construção de um projeto de educação bilíngue para Surdos no colégio de aplicação do INES na década de 1990: o Início de uma nova história?* (Dissertação de Mestrado) Rio de Janeiro – RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2012.

GUIMARÃES, A.D.S., KELMAN, C.A., NASCIMENTO, R.T. *Expectativas dos pais quanto aos benefícios do implante coclear em contextos educacionais*

bilíngues. In: VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial - ISSN 2175-960X. Londrina/Pr., novembro de 2013.

Hyde M, Punch R. The modes of communication used by children with cochlear implants and the role of sign in their lives. *Am Ann Deaf*. 2011; 155(5):535-49. 19.

KELMAN, C.A. *Sons e gestos do pensamento: um estudo sobre a linguagem egocêntrica na criança surda*. Brasília: CORDE, 1996.

_____ e LIMA, P. *Inclusão de aluno com implante coclear no contexto do bloco inicial de alfabetização*. V Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial, Londrina/ Paraná, nov./2009. ISSN 2175-960X.

_____. *Dilemas sobre o implante coclear: Implicações linguísticas e pedagógicas*. Informativo Técnico-Científico Espaço, INES - Rio de Janeiro, n.º 33, p.2, Jan-Jun /2010.

_____. *Significação e aprendizagem do aluno surdo*. In: MARTINEZ, A.M. e TACCA, M.C.V.R. (orgs). *Possibilidades de aprendizagem: Ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência*. Campinas, SP: 2011.

_____, *Narrativas de profissionais que lidam com crianças surdas na inclusão escolar*. Linhas Críticas, Brasília, DF. Vol. 20, n. 42, p. 307-324, maio-agosto, 2014.

LACERDA, C. e SANTOS, L. (org.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EDUFSCar, 2013. 254 p.

_____ & LODI, A. O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: o contexto de grupo e a importância da língua de sinais. *Temas sobre desenvolvimento*, 2006. V. 15, n. 85-56, p. 45-53.

LODI, A.; MÉLO, A.; FERNANDES, E. (Orgs). *Letramento, bilinguismo e educação de surdos*. Porto Alegre/PR. Editora: Mediação, 2012.

MORET, A. L. M.; BEVILACQUA, M. C.; COSTA, O. A. *Implante coclear: audição linguagem em crianças deficientes auditivas pré-linguais*. Pró-Fono.

Revista de Atualização Científica, Barueri (SP), v. 19, n. 3, p. 295-304, jul.-set. 2007.

NAVEGANTES, E. & SILVA, M. *A educação de crianças surdas: uma experiência através da estimulação essencial*. Comunicação oral apresentada no II Seminário de Currículo e Formação de Professores na Perspectiva da Inclusão, intitulado Práticas Inclusivas: Diálogos e Experiências no Contexto Amazônico. Belém-Pará, Set. 2013.

_____ & KELMAN, C. *O olhar docente em classe de crianças com implante coclear: desafios e resultados*. Anais da I CONES – I Congresso Nacional de Educação dos Surdos: Conquistas E Desafios - 04 a 06 de junho de 2014, UNICENTRO, Guarapuava/PR.

_____ & KELMAN, C. *Experiência numa classe de crianças com implante coclear: desafios e resultados a partir do olhar docente*. VI CBEE / IX ENPEE - UFSCAR – SÃO CARLOS/SP, 01-04 de novembro de 2014. ISSN: 2359-2109.

_____ & KELMAN, C. *LIBRAS e Implante Coclear: Um estudo de caso*. XIII Congresso Internacional e XIX Seminário Nacional do INES – 08 a 12 de setembro de 2014.

PINHEIRO, A. (*et al*). Avaliação das habilidades escolares de crianças com implante coclear. Rev. CEFAC. 14(5):826-835. Set-Out, 2012.

QUADROS, R. & PERLIN, G. *Estudos Surdos II* (org.). Petrópolis, RJ : Arara Azul, 2007. 267 p.– (Série Pesquisas) ISBN 978-85-89002-21-9

QUEIROZ, E. F., KELMAN, C.A. *Implicações do Implante Coclear no processo de aquisição da escrita de uma criança surda*. ISBN 978-85-99643-11-2. IV Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. Londrina-PR, 2007.

RAMOS, A. Filippo Smaldone. Jotaba – PIME. Belém/Pará, 1998.

REZENDE, P.L.F. *Implante coclear na constituição dos sujeitos surdos*. [tese de doutorado]. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

SANTOS, K. *A política nacional de educação especial e a 'perspectiva inclusiva': novos 'referenciais' cognitivos e normativos*. IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

SANTOS, M; PAULINO, M. (orgs.). *Inclusão em educação: culturas, políticas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2006. 168 p.

SANTIAGO, M.; AKKARI, A.; & MARQUES, L. P. (2013). *Os Caminhos do Interculturalismo no Brasil*. In: Educação Intercultural: desafios e possibilidades. Petrópolis: Ed. Vozes, p. 15-33

SCARANELLO, C. A. *Reabilitação auditiva pós implante coclear - Auditory rehabilitation after cochlear implantation*. Simpósio: surdez: implicações clínicas e possibilidades terapêuticas - 38 (3/4): Capítulo VII - Medicina, Ribeirão Preto 273-278, jul./dez. 2005.

SHARMA, A.; NASH, A.; DORMAN, M. *Cortical development, plasticity and re-organization in children with cochlear implants*. Journal of communication disorders. Vol. 42, august. 2009, p. 272-279.

_____ ; DORMAN, M.; SPAHR, A. *A sensitive period for the development of the central auditory system in children with cochlear implants: implications for age of implantation*. Ear & Hearing, Vol. 23, December, 2002. Issue 6 – pp 532-539.

SILVA, V. *As representações em ser surdo no contexto da educação bilíngue*. P. 80 – 97. In: Estudos Surdos III- Ronice Müller de Quadros (organizadora). Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

SILVA, C. [et al]. *Metodologia da pesquisa em educação do campo: povos, territórios, movimentos sociais, saberes da terra, sustentabilidade / Pesquisadores colaboradores, Antonio Faundez ... [et al.]*. - Vitória, ES : UFES, Programa de Pós-Graduação em Educação. 90 p.: il. ISBN:978-85-60050-17-8, 2009.

SILVA, A.; PEREIRA, M.; ZANOLLI, M. *Mães ouvintes com filhos surdos: Concepções de surdez e escolha da modalidade de linguagem*. Psicologia: Teoria e pesquisa, Jul-Set - 2007. Vol. 23, nº 3, pp. 279-286.

SILVA, M. & NAVEGANTES, E. *Atendimento educacional especializado (AEE) para crianças usuárias de implante coclear (IC): uma experiência do Instituto Felipe Smaldone- Belém-PA*. Comunicação oral apresentada no II Seminário de Currículo e Formação de Professores na Perspectiva da Inclusão, intitulado Práticas Inclusivas: Diálogos e Experiências no Contexto Amazônico. Belém-Pará, Set. 2013, 13 p.

SKLIAR, C. *A localização política da educação bilíngue para surdos*. In: SKLIAR, C (Org.). *Atualidade da Educação Bilíngue para surdos*. 2ª. Ed. Porto Alegre: Mediação, 1999.